



"DIREIS OUVIR ESTRELAS": UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DE GÊNEROS

"You say you hear stars": A theoretical-methodological proposal for analyzing genres

Queila Barbosa LOPES (UFAC)¹

O livro "Constelação de gêneros: a construção de um conceito", publicado pela editora Parábola em 2021, escrito por Júlio Araújo, pode nos remeter aos dois últimos versos do primeiro terceto do poema de Olavo Bilac "Ouvir Estrelas": "Que sentido/ Tem o que dizem, quando estão contigo?", como explicarei no final da resenha. Com esse livro, Araújo, que é professor e pesquisador na Universidade Federal do Ceará e cujo trabalho investiga gêneros da linguagem em espaços sociais configurados pela mediação tecnológica, sobretudo pela internet, traz à tona mais problematizações em relação ao assunto. O autor, que desde sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, nas quais investigou a genericidade dos *chats* em sites da internet, desenvolve reflexões no tocante à gêneros de linguagem, pois um dos interesses de pesquisa do autor é, a partir das possibilidades multisemióticas da ambiência da rede mundial de computadores, investigar como nos comunicamos utilizando os gêneros de linguagem em espaços sociais desenvolvidos pelas digitalidades. O autor tem vasta experiência na investigação de gêneros com diversas publicações e, atualmente, é líder do grupo de pesquisa DIGITAL, desenvolvendo pesquisas que investigam tanto o uso dos gêneros em práticas discursivas digitais, quanto a relevância do letramento digital nos processos de ensino e aprendizagem de língua(gens).

Araújo publicou o livro "Constelação de Gêneros" em 2021, 15 anos após a defesa de sua tese de doutorado, cujo título, "Os chats: uma constelação de gêneros na Internet", tem relação com o do livro aqui resenhado. Nas palavras do autor, a obra Constelação de Gêneros tem o propósito de "retomar algumas das

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela UNESP; Docente permanente do PPGLI -UFAC; Professora Adjunta de Língua Inglesa da Universidade Federal do Acre, lotada no Centro de Educação, Letras e Artes.

reflexões que desenvolvi para o fenômeno dos agrupamentos de textos, por mim designado de constelação de gêneros" (ARAÚJO, 2021, p. 17). No sentido de alcançar esse objetivo, Araújo conduz o leitor a um percurso indispensável para a compreensão do conceito que discute na obra, tomando-o pela mão em uma incursão em que questões levantadas por autores relevantes para investigações voltadas à compreensão de nossas práticas discursivas por meio dos gêneros surgem como elementos esclarecedores do que Araújo conceitua.

Desse modo, o autor organiza retoricamente a obra em dez capítulos, que são precedidos pela introdução em que ele sumariza o que leitor irá encontrar no decorrer da obra, e sucedidos pela conclusão, em que retoma suas perguntas de pesquisa, discutindo-as, assim como analisando os enfoques sob os quais realizou o estudo com a consciência de que "[r]esponder a esse conjunto de perguntas representa um desafio de demonstrar a tese sobre o fenômeno de constelação de gêneros" (ARAÚJO, 2021, p. 110). A linguagem adotada por Araújo emprega a terminologia específica das investigações dedicadas aos gêneros da linguagem de modo claro, prendendo a atenção do leitor interessado por compreender o assunto sob análise, levando-o a um aprofundamento da discussão sem tornar assustador esse mergulho.

Os dez capítulos supracitados constituem uma rede discursiva tecida por Araújo a partir das pesquisas realizadas por estudiosos que o antecederam e que se debruçaram sobre a questão das práticas discursivas que o autor defende como sendo "consteladas". No primeiro capítulo, Araújo discute a expressão "colônia discursiva", a partir de Bhatia (2001) e por Hoey (1986), deixando claro que ambos divergem um pouco em seus conceitos e que sua opção pelo uso da expressão "constelação de gêneros" no lugar de "colônia discursiva" está em consonância com o que Bhatia e Marcuschi (2000) discutem em relação ao conceito escolhido e ao conceito preterido. Desse modo, no capítulo dois, Araújo apresenta o conceito bhatiano de constelação de gêneros, divergindo de Bhatia, pois compreende que "uma constelação não é algo que possa ser definido apenas por um propósito comunicativo único, comum a todos os seus gêneros discursivos, [...] e não o da constelação" (ARAÚJO, 2021, p. 33). Os capítulos três, quatro e cinco são dedicados, respectivamente, aos autores Marchuschi, Swales e Bakhtin, cujas discussões em seus trabalhos auxiliaram o autor do livro aqui resenhado a chegar na sua proposta constelar, pois a partir dessas leituras, Araújo percebeu que não havia ainda um conceito de constelação de gêneros que pudesse ser verificado por meio de testes. Ao analisar autores que seguem abordagens teóricas diversas como Swales e Bhatia, que analisam textos em uma perspectiva sociorretórica, Bronckart, que parte do que é conhecido como interacionismo sociodiscursivo, e Bkahtin, que entende a linguagem a partir de um viés discursivo-enunciativo, o autor se circunscreve na perspectiva brasileira de análise de gêneros discutida por Bezerra em que "diálogos e

combinações teóricas diversas" (BEZERRA, 2016, p. 488) são importantes para a análise de Gêneros da linguagem.

Os capítulos seis e sete são dedicados a retomar, de modo comparativo, as ideias dos autores discutidos nos capítulos um a cinco, para ser possível construir uma argumentação favorável a um conceito de constelação de gêneros. Nos três capítulos seguintes, Araújo discorre sobre as categorias de análise que o auxiliaram na construção do conceito sob investigação, a saber: hipertextualidade, transmutação de gênero e propósito comunicativo.

Apesar da obra ter apenas 113 páginas, Araújo consegue discutir conceitos e categorias de modo simples e objetivo, e tornar, ao leitor, a compreensão dessas categorias possível, além do próprio raciocínio do autor ser facilmente identificado. Assim, ao “definir o fenômeno genérico-constelar” (ARAÚJO, 2021, p. 107), ainda nos apresenta um percurso teórico-metodológico que pode ser utilizado por outros pesquisadores interessados no tema em discussão no livro.

Considero a obra leitura obrigatória a todos os pesquisadores interessados em investigar práticas discursivas por meio de gêneros da linguagem, haja vista o rigor científico teórico-metodológico adotado por Araújo. A proposta em discussão por Araújo (2021) é referente a uma concepção teórica influenciada pelos estudos bakhtinianos dos gêneros discursivos, muito embora Bakhtin não tenha explicitamente usado esse termo como lembra Araújo (2021, p. 50): “[...] a noção de constelação, de certa maneira, já foi pronunciada e investigada por Bakhtin, embora não seja esse o termo utilizado por ele.”

Gostaria de destacar que, ao referir-me a pesquisadores, considero todos os professores. Assim, estão incluídos nesse grupo os da educação básica, que podem, por ventura, se sentir excluídos das perspectivas em torno do que é ser considerado “pesquisador”, pois defendo que ser professor implica em ser pesquisador sempre.

Alem disso, no atual cenário brasileiro, compreender o conceito de gêneros a partir dos PCNs (1998), assim como na BNCC (2018), têm sido demandado em nossos espaços formais de aprendizagem no intuito de auxiliar a formação de cidadãos que sejam aptos a utilizar, adequadamente, os mais diversos gêneros, alcançando assim, seus propósitos sociocomunicativos.

Podemos supor que deve ter sido um árduo trabalho investigativo o que realizou Araújo para chegar ao conceito de constelação de gêneros. Foi necessário "ouvir estrelas", como Olavo Bilac no primeiro verso do poema que citei no início desta resenha. Ao ouvi-las, Araújo (2021) apresenta a nós a construção de um conceito que ilumina consteladamente a compreensão de gênero, tão atual e necessária, principalmente, nessa

era das digitalidades em que nossas práticas discursivas encontram terreno fértil para transmutações e adequações genéricas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros: a construção de um conceito**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2021.

BEZERRA, B. G. **A propósito da “síntese brasileira” nos estudos de gêneros**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 465-491, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.